

Entrevista com Juan Díaz Bordenave

Paraguai, cidadão latino-americano, classifica de “golpe mercenário e farisaico” a destituição do presidente do seu país.



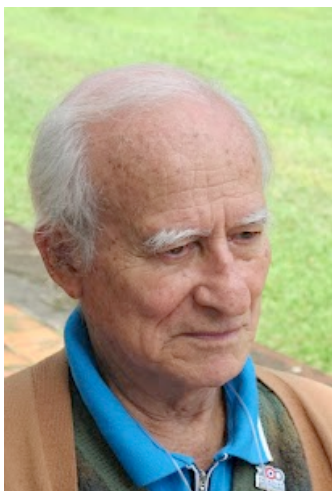
Texto: Guilherme Salgado Rocha

Fotos: Regina Carvalho

Nascido na cidade de Encarnação, no Paraguai, fronteira com a Argentina, no dia 5 de fevereiro de 1926, boa parte desses 86 anos foi e é dedicada a bater na mesma tecla (e aqui a expressão “bater na mesma tecla” nada carrega de pejorativa; pelo contrário, mostra coerência e retidão): a defesa de uma comunicação popular voltada à conquista da liberdade, justiça e igualdade. Dessas pessoas às quais cabe mais do que apropriadamente o epíteto de “inesquecível”, conversar com o bem-humorado Juan é um privilégio. E uma boa volta ao passado, pois seu livro mais conhecido, “O que é comunicação”, da Coleção Primeiros Passos (Editora Brasiliense), está na bibliografia de todas as faculdades de Comunicação.

Pai de seis filhos (“com a mesma mulher”, completa sorrindo), Juan quis, há dez anos, voltar ao seu país natal. Integrava, até a destituição do presidente Fernando Lugo, o Conselho Nacional de Educação do Paraguai. A entrevista foi feita no dia 9 de junho, na cidade de Tremembé, interior de São Paulo, 13 dias antes do “golpe”. Sobre os fatos recentes, escreveu um artigo, publicado originalmente no *Jornal do Brasil* online, transcrito na íntegra no *Portal do Envelhecimento*.

Revista - Como a entrevista é para a revista do Portal do Envelhecimento, a primeira pergunta tem que versar sobre isso. Como você se sente aos 86 anos, e como analisa o envelhecimento?



Juan – Vejo com a maior naturalidade. É inexorável, então tem que ser vivido bem, com graça. Não podemos parar, temos que seguir envelhecendo com alegria. Na maior paz possível, na maior fecundidade que se pode tirar daí. Claro que a cada dia há menos energia. Alguns obstáculos, por exemplo, os quais eu pulava, agora passo de lado, pois posso tropeçar e cair com o nariz no chão. Mas me mantenho fisicamente com certa vitalidade. Por exemplo: de volta ao Paraguai, alugo uma pequena casa em Assunção, e tenho a uma hora da capital um pequeno sítio, que toco sozinho, com árvores, pequenos animais, uma paz impressionante.

Revista – Qual é a sua trajetória de estudos?

Juan – Meu primeiro curso foi de técnico em agronomia. Não engenheiro, mas em nível técnico, que fiz na Argentina. Depois voltei ao Paraguai, ao lado do meu irmão, também técnico em agronomia. Isso em 1951. Passamos um ano trabalhando na terra, plantando banana e café. Não mais em Encarnação, pois no ano em que nasci aconteceu lá um tornado, que matou 600 pessoas e destruiu a minha casa. Meu pai era médico e nos mudamos para Assunção. Iniciei a carreira em um campo novo, a comunicação agrícola. O governo do meu país me contratou para ser uma espécie de jornalista para os agricultores, e fui estudar nos Estados Unidos. Acabei ficando lá para fazer o mestrado em jornalismo agrícola.

Revista - O que é o jornalismo agrícola?

Juan - É um jornalismo voltado aos trabalhadores rurais, que aprendem a usar os folhetos, o rádio. E continuo meus estudos. Volto ao Paraguai, trabalho, volto aos Estados Unidos para o doutorado, na Universidade de Michigan. Isso em 1966.

Revista - E o Brasil, como entra em sua vida?

Juan - Trabalhava em um organismo internacional, o ramo agrícola da Organização dos Estados Americanos (OEA). Comecei na Costa Rica, depois no Peru, e do Peru fui designado para o Brasil. Cheguei ao Brasil em 1968. Fiquei 22 anos na OEA, depois comecei a trabalhar como consultor internacional nessa área.

Revista - Chegou casado?

Juan - Sim, casamo-nos em 1956. E somos casados até hoje. Conhecemo-nos nos Estados Unidos, na primeira vez que me mandaram lá para estudar. Ela era intérprete de um grupo de comunicadores. Éramos 11 comunicadores de todo o mundo, que estavam viajando juntos. A Maria Cândida era intérprete de três brasileiros que não falavam inglês. Ela tinha 24 anos, e fiquei encantado

com a sua autonomia. E, eu percebia, não traduzia quando não concordava com o que o orador falava. Isso era muito engraçado.

Revista - São seis filhos?

Juan - Quando chegamos ao Brasil, já tínhamos os seis filhos. Um é mexicano, uma costarriquenha, dois peruanos e dois brasileiros. E seis filhos com a mesma mulher, anote aí...

Revista - Como se chamam?

Juan - O João, que é jornalista da Embrapa. O Chico Diaz é ator, faz o papel de coronel Melk Tavares na novela Gabriela. Ele nasceu no México. Enrique Diaz, peruano, ator e diretor de teatro. Maria, figurinista de cinema. Verônica, que estudou Física na universidade, agora é atriz de teatro. Paulo, técnico da USP, ecólogo e biólogo.

Revista - Quantos livros você escreveu?

Juan - Dez livros, sendo dois muito difundidos. O primeiro deles é “O que é comunicação”, da Coleção Primeiros Passos. Está na 36ª edição. E “Estratégias de ensino e aprendizagem”, pela Vozes, na 31ª edição. Publiquei na Argentina e no México. Agora acabou de sair meu primeiro livro no Paraguai, “Aportes à comunicação para o desenvolvimento”.



Revista - Você fez uma reflexão recente sobre a comunicação nos tempos atuais.

Juan - Sim, reflito a partir do que vejo ao meu redor, e em função ainda do Fórum Social Mundial, no qual creio sinceramente. E há outro mundo possível, igualmente na comunicação. Para os comunicadores é essencial entender como podemos contribuir com a construção desse mundo, pois estou certo que o modelo civilizatório do capitalismo europeu está se desmoronando diante de nossos olhos atônitos. A humanidade busca um modelo que o substitua. Os benefícios que o capitalismo crê ter proporcionado à humanidade, na ciência e na tecnologia, são perigosamente superados pelos danos e prejuízos à vida humana, do mesmo modo que à terra, habitat natural do homem. O motor central do capitalismo, o lucro e a acumulação do capital, produz efeitos devastadores.

Revista - Cite alguns exemplos, por favor.

Juan - Admitir, como naturais, as guerras de conquista, as invasões coloniais, escravidão e armamentismo, e a mercantilização da vida humana, da natureza e até mesmo da religião. Outro exemplo: a manipulação das necessidades humanas para canalizá-las em direção ao consumismo e hedonismo. Há

exacerbação da competição, o que leva à exploração da mão de obra, sindicatos sem representatividade, benefícios sociais retirados dos trabalhadores. Mesmo a corrupção policial é resultado disso. E, paralelamente, assistimos à implantação de ditaduras e de tratados internacionais, como a Alca, favoráveis ao poder ilimitado das empresas multinacionais.

Revista - Por ser uma pessoa de fé, Juan, como analisa a presença da religião nesse contexto?

Juan - Percebo que a expansão mundial do capitalismo, que tem sido vitoriosa até agora, e de sua estratégia mais recente de conquista, a globalização do neoliberalismo, é possível graças à vitória de seu modelo civilizatório sobre o que propõem três adversários históricos: grandes religiões universais, tradições culturais dos povos e teorias da esquerda. Mas me pergunta sobre as religiões: judaísmo, cristianismo, islamismo, hinduísmo, taoísmo e outras religiões, desde tempos remotos, defendem a supremacia do espiritual e do transcendente sobre o materialismo, do mesmo modo que o amor e a compaixão sobre o egoísmo e a exploração do homem sobre o homem. E de sua parte, como citei, os povos originais da América Latina - guaranis, quéchuas e aimarás, para citar três - não regem a vida pelo lucro e acumulação, mas pelo bem viver. Suas crenças e práticas giram em torno da unidade dos homens, com a divindade e a natureza, encarnados na Pachamama, a deidade máxima dos Andes peruanos e bolivianos. É a deusa, a Mãe Terra. Nesses povos ancestrais se pratica a economia solidária, e a vida de cooperação comunitária se sobrepõe ao egoísmo individualista.



Revista - E a comunicação em todo esse processo?

Juan - Para os comunicadores e os pesquisadores da comunicação é um sério desafio definir de que modo podem contribuir com a construção desse novo mundo possível, levando em consideração o enorme poder que exerce o processo de interação social promovido pelos meios de comunicação. Além de um caminho humano universal, a comunicação é igualmente arte,

tecnologia, sistema institucional e ciência social. A comunicação é utilizada para dizer a verdade ou mentir, construir ou destruir, juntar ou separar, educar ou deseducar. Se nos ativermos ao educador Paulo Freire, a comunicação é instrumento de conscientização. Nas mãos de diversos apresentadores de televisão, é promotora todo-poderosa do consumismo e do capitalismo.

Revista - Crianças incluídas?

Juan - Sem dúvida. Os programas infantis da Xuxa, por exemplo, são criticados porque convertem as crianças de hoje em consumidores de amanhã. Cito ainda as faculdades de comunicação, que formam pessoas organicamente

funcionais para os meios de comunicação comerciais, mas, do mesmo modo, formam pessoas comprometidas com os meios públicos e comunitários. Se creio que outro mundo é possível, tenho que crer que outra comunicação é possível. Defendo uma prática e uma pesquisa de comunicação que ajudem a desmontar os monopólios e os oligopólios comunicacionais, nacionais e internacionais, que favoreçam a democratização dessa comunicação e a construção de uma democracia participativa, em sociedades soberanas, nas quais imperem a liberdade, a igualdade e a fraternidade.

Guilherme Salgado Rocha - Jornalista e revisor. Formado pela Universidade Federal de Juiz de Fora (MG) em 1979, tem 53 anos. Desde dezembro 2011 passou a integrar a equipe do Portal do Envelhecimento. E-mail: rochaguilherme@hotmail.com

Regina Carvalho - Engenheira civil, trabalha com gestão de projetos. Coordena projeto social na Fundação Cesgranrio, no Complexo Paula Ramos, no bairro do Rio Comprido, Rio de Janeiro, e faz parte da Coordenação de Gestão do Núcleo de Solidariedade Técnica - Soltec, da Universidade Federal do Rio de Janeiro. E-mail: reginamca@gmail.com